

Confrontos forjados

Diferentemente do que afirmam os militares goianos, metade das vítimas nunca respondeu a processo. Em alguns casos, bens, como carros e motos, desapareceram após os cidadãos serem abordados por PMs

VÍTIMAS

Nos últimos 10 anos, pelo menos 300 pessoas foram assassinadas por policiais militares em Goiás. Outras 36 estão desaparecidas desde as abordagens de uma equipe da PM

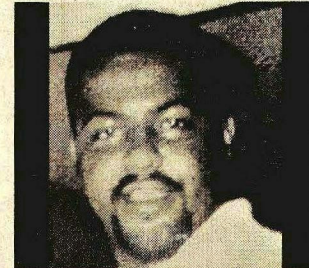
Rodinei Cardoso de Moraes e Anderson Nascimento Figueiredo

✓ Desapareceram em 3 de abril de 2000, em Águas Lindas, após serem abordados por dois policiais militares.

Cristiano Bandeira da Silva

✓ Sumido desde 8 de julho de 2002, após ser colocado à força em um carro da PM, em Luziânia.

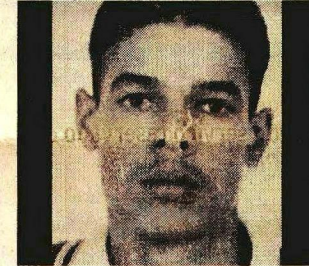
Reprodução/Cadu Gomes/CB/D.A Press



Alair Ferreira Lima

✓ Desapareceu em 2 de março de 2003, em Aparecida de Goiânia, após pegar carona com um policial militar.

Reprodução/Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Willian Elias da Silva (foto) e Warteisson Mendes Fernandes

✓ Abordados por PMs na madrugada de 30 de junho de 2003, reapareceram mortos em um matagal na manhã seguinte.

Rogério Batista Santana

✓ Sumiu em 12 de agosto de 2004, em Goiânia, após ser abordado por quatro homens da Rotam.

Reprodução/Cadu Gomes/CB/D.A Press



Lindomar Pedrosa de Araújo Mendanha

✓ Assassinado em casa, em Aparecida de Goiânia, por dois PMs, em 3 de setembro de 2004.

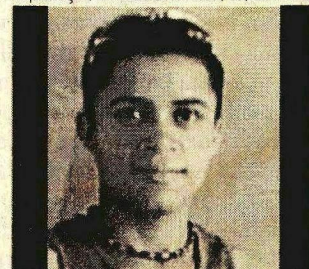
Marco Aurélio Carneiro da Costa e Rogério Gomes Souza

✓ Desapareceram em 6 de outubro de 2004, em Goiânia, após abordagem de policiais da Rotam.

Ueverson Geovani Dias

✓ Sumido desde 10 de janeiro de 2005, após abordagem de policiais da Rotam, em Goiânia.

Reprodução/Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Wagner da Silva Moreira (foto) e Pedro Nascimento da Silva

✓ Mortos a tiros disparados por policiais militares durante remoção de uma invasão em Goiânia, na manhã de 16 de fevereiro de 2005.

Fotos: Cadu Gomes/CB/D.A Press



Luzinete acredita que o furto da moto do filho motivou o desaparecimento dele



Mãe de Murilo, Maria das Graças desconfia que PMs roubaram o carro em que o menino estava

em 22 de abril de 2005, na capital goiana. Murilo ia passar o fim de semana com o pai. Paulo, que era amigo da família, comprometeu-se a levá-lo, mas, no caminho, os dois foram parados pela Rotam, revistados e liberados. No entanto, os PMs começaram a segui-los, ninguém mais teve notícias deles.

Mãe de Murilo, a dona de casa Maria das Graças Soares, 39 anos, desconfia que o sumiço deles tenha relação com o carro em que estavam, um Palio com som avaliado em mais de R\$ 3 mil e rodas diferenciadas, caras. "Sofro muito até hoje. Queria ao menos poder enterar o meu filho", lamenta. Os dois PMs envolvidos no caso foram detidos por seis meses, mas voltaram à ativa.

A também dona de casa Luzinete Souza Marinho, 58 anos, conta que a moto do filho, Adriano Souza Matos, 22, sumiu após ele e o amigo Bruno Elvis Lopes, 16, terem sido parados por policiais em Aparecida de Goiânia. Os jovens também

nunca mais foram vistos. "Tenho certeza que só mataram os garotos para roubarem a moto. Eles (os PMs) ficaram com medo de ser reconhecidos", acredita.

Ameaças e tortura

Muitas vezes, os desaparecimentos estão relacionados à tortura, como no caso do eletricitista Célio Ferreira. Então com 26 anos, ele a mulher comiam sanduíches em uma lanchonete do centro de Goiânia, na noite de 11 de fevereiro de 2008, quando sete viaturas da Rotam chegaram ao local. Armados, os PMs mandaram todos ficarem quietos, inclusive os funcionários do estabelecimento.

Militares levaram Célio, a mulher e dois amigos para o interior da loja, que, por ordem dos policiais, teve as portas fechadas. Obrigados a ficarem nus, Célio e os amigos foram torturados por quase 30 minutos. Os sobreviventes contaram, em depoimentos à Polícia Civil, que os PMs molhavam fios elétricos sem proteção e, em seguida, colo-

cavam em contato com o corpo dos jovens. Somente a mulher escapou da barbárie.

Após a tortura, eles colocaram Célio e os dois amigos em carros diferentes da Rotam. Célio nunca mais apareceu. Quem conhecia o rapaz acredita que a polícia o tenha confundido com algum bandido. "Já cheguei a beijar os pés do Rocha (capitão Ricardo Rocha) no batalhão para pedir que ele investigasse o desaparecimento do meu filho, mas depois descobri que esse desgraçado é o pior de todos", desabafou a dona de casa Maria Aparecida de Souza, 57, mãe da vítima.

Até hoje, não houve punição pela tortura e pelo sequestro, a nenhum dos 14 militares envolvidos na ocorrência. Mas o tenente-coronel Ricardo Rocha, capitão e comandante da Rotam à época do sumiço de Célio e de tantos outros moradores de Goiás, é um dos presos pela Polícia Federal na Operação Sexto Mandamento. Ele liderava o grupo de extermínio da PM goiana, segundo as investigações da PF e do Ministério Público.



MEMÓRIA

O *Correio* iniciou, em 11 de maio de 2009, uma série de reportagens sobre a ação de grupos de extermínio no Entorno. As primeiras matérias denunciavam a responsabilidade de policiais militares em pelo menos 20% dos homicídios registrados em Formosa, município goiano distante 70km de Brasília. Em 2008, os PMs admitiram ter tirado a vida de 10 das 48 pessoas assassinadas. Outros cinco casos ocorreram no segundo semestre de 2007. Na maioria dos registros, os militares alegaram confrontos com bandidos armados. Mas, grande parte das vítimas não respondia por delitos graves e morreu com, ao menos, um tiro na cabeça. Em quase nenhuma suposta troca de tiros houve moradores como testemunhas.

O aumento no número de mortes no município com a chegada do major Ricardo Rocha Batista ao batalhão de Formosa, em 2007, chamou a atenção do Ministério Público goiano (MPGO) e da Polícia Civil, que abriram investigações sigilosas na capital do estado. Antes de Formosa, o major esteve em Rio Verde (GO), onde é acusado de executar cinco condenados que haviam fugido da cadeia e de matar com cinco tiros um homem desarmado.

Há um ano e meio, a Superintendência da Polícia Federal em Goiás começou a apurar cerca de 50 mortes em confrontos com a Polícia Militar em Goiânia e no Entorno de Brasília. Em 15 de fevereiro de 2011, policiais federais prenderam 19 PMs acusados de integrar um esquadrão da morte. Entre eles, Ricardo Rocha e o subcomandante geral da PM goiana, coronel Carlos César Macário. Todos responderão pelos crimes de homicídio qualificado em atividades típicas de grupo de extermínio, formação de quadrilha, tortura qualificada, tráfico de influência, falso testemunho, ocultação de cadáver e ameaças.

» RENATO ALVES
» SAULO DE ARAÚJO

Para justificar a matança, policiais militares goianos alegam confrontos com bandidos perigosos e armados. Mas, muitas vezes, eles são desmentidos pelos laudos do Instituto Médico Legal (IML) e pelo histórico das vítimas.

Perícias realizadas nos corpos apontam que a maioria levou ao menos um tiro na cabeça e morreu ajoelhada ou deitada. Quase metade nunca se envolveu em crimes. E além da execução, os agentes do Estado são acusados de roubo, cometendo assim o pior dos delitos descritos no Código Penal Brasileiro, o latrocínio, com pena que pode chegar a 30 anos de cadeia.

Dos 19 PMs presos pela Polícia Federal há dois meses e meio, boa parte integrou as Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas (Rotam) de 2003 a 2005, período em que a Polícia Militar mais matou em Goiânia. De 6 de março de 2003 a 15 de maio de 2005, foram registrados 117 homicídios na capital do estado, cuja autoria é atribuída a PMs, a maioria da Rotam. Do total, 57 (48,7%) não tinham ficha criminal. Outras 60 (51,3%) eram foragidas da Justiça ou acusadas de algum crime.

Sem responder a inquérito algum, o servente de pedreiro Fábio da Costa Lima desapareceu nessa época, aos 21 anos. Os pais e vizinhos viram uma equipe da Rotam abordar o jovem, que estava em uma bicicleta, no início da noite de 4 de janeiro de 2005. Sem nada dizer, quatro PMs vestidos com o uniforme preto da unidade jogaram Fábio na traseira do camburão, na calçada de um supermercado do Setor Sol Nascente, em Goiânia. Os familiares e amigos nunca mais tiveram notícias dele.

Logo após o sequestro de Fábio, seus pais correram até uma delegacia e denunciaram a inexplicável abordagem. A Corregedoria da Polícia Militar abriu uma sindicância. Mas, como em quase todos os outros casos semelhantes, a investigação acabou arquivada. A alegação, como sempre, foi a falta de materialidade do suposto crime, uma vez que o corpo do rapaz nunca apareceu. Também não deu em nada o inquérito instaurado pelo Grupo Antissequestro (GAS) da Polícia Civil de Goiás.

Prova ignorada

Seria fácil identificar os militares que abordaram Fábio. À época, havia apenas cinco equipes da Rotam e quatro delas estavam no quartel no momento do sequestro do servente. Portanto, apenas uma fazia o patrulhamento, a que sumiu com o jovem. Tristes pela perda do filho e com medo por causa da impunidade dos criminosos, os pais dele se mudaram. Além da casa onde criaram os dois filhos, também deixaram o restaurante da família.

Com a repercussão do caso de Fábio na imprensa estadual, a Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Militar prometeram instalar aparelhos de GPS em todos os carros da Rotam. Mas tudo não passou da promessa, refeita há dois meses, após a deflagração da Operação Sexto Mandamento e a prisão de 19 PMs acusados de integrar um grupo de extermínio.

O comando da PM goiana diz que, dos atuais 50 veículos da Rotam, 14 têm o equipamento de rastreamento. E todos os carros da Rotam e do Batalhão de Choque terão o dispositivo, mas não há prazo definido para a instalação.

Vítimas roubadas

Em alguns casos, além de sumir ou matar alguém sem justificativa, policiais militares teriam roubado as vítimas. Em pelo menos seis das 18 ocorrências em que o *Correio* conseguiu localizar os familiares de desaparecidos ou executados, os pertences deles também sumiram. Um carro seria o motivo do desaparecimento de Murilo Rodrigues, 12 anos, e Paulo Sérgio Rodrigues, 22, por exemplo.

Os dois foram vistos pela última vez